**HUMOR ÁCIDO NO CUIDADO ENTRE JOVENS¹****ACID HUMOR IN CARE AMONG YOUTH****HUMOR ÁCIDO EN EL CUIDADO ENTRE JÓVENES**

Simone Cristina de Amorim²
Marcos Roberto Vieira Garcia³

Resumo

Este artigo se propõe a mostrar como o humor ácido emergiu em um subgrupo de jovens de uma pesquisa empírica derivada de uma pesquisa temática. Em uma escola de ensino médio de uma cidade do interior do estado de São Paulo um subgrupo de estudantes prioritariamente LGBT+ foi aos poucos criando uma descodificação de significações interiorizadas de sofrimento mental, o que lhes permitiu tocar em conteúdos difíceis na elaboração de experiências psicossociais dolorosas. Foi utilizada a pesquisa empírica, justificada com a noção teórica deleuze-guattariana de jurisprudência, depreendida na prática, para a jurisprudência afetiva interior à intimidade consentida entre um grupo específico de estudantes que praticou o humor ácido. A metodologia foi a de integrar dados empíricos da pesquisa temática de métodos mistos com a elaboração teórica no referencial deleuze-guattariano. O artigo faz a seleção da dualidade “zoar” e “ser zoado”, tratando do humor ácido como estratégia de cuidado coletivo dado no interior de uma jurisprudência afetiva utilizada no combate à violência e à LGBT+fobia. Por fim, conclui sobre a importância do humor ácido como estratégia de cuidado coletivo entre jovens em seus espaços de convivência ou em ações programáticas e serviços voltados a este segmento.

Palavras-chave: humor ácido; cuidado coletivo; jovens; jurisprudência afetiva

Abstract

This article aims to show how acidic humor emerged in a subgroup of youth from empirical research derived from a thematic investigation. In a high school in a city in the interior of the state of São Paulo, a subgroup of primarily LGBT+ students was gradually creating a decoding of internalized meanings of mental suffering, which allowed them to touch complex content in the elaboration of painful psychosocial experiences. Empirical research was used, justified by the Deleuze-Guattarian theoretical notion of jurisprudence, deducted in practice for the affective jurisprudence within the intimacy consented between a specific group of students who practiced acid humor. The methodology integrated empirical data from thematic mixed-methods research with theoretical elaboration within the Deleuze-Guattarian framework. The article selects the duality of teasing and being teased, dealing with acidic humor as a strategy of a given collective care within an affective jurisprudence used to combat violence and LGBT+phobia.

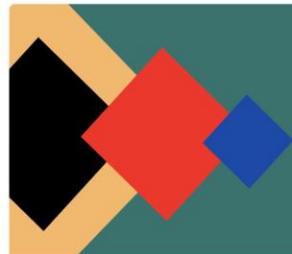
¹ Com o apoio da CAPES para a bolsa de doutorado, da FAPESP para o Projeto Temático (nº 2017/25950-2) e para a bolsa de Treinamento Técnico III (nº 2019/19524-6), além de recursos do CNPq para as bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio (IC-EM) dos jovens estudantes.

²Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba (UFSCar-So). Analista de Saúde - Psicóloga - da Secretaria Municipal de Gestão (SEGES), da Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0897-6484>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0068826059223733>. E-mail: sim.psicologa@gmail.com

³Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor permanente dos Programas de Pós-graduação em Educação e em Estudos da Condição Humana, ambos da UFSCar-So. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5668-2923>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3911188481669270>. E-mail: mgarcia@ufscar.br





Finally, it concludes with the importance of acidic humor as a collective care strategy among young people in their living spaces or in programmatic actions and services aimed at this segment.

Keywords: acidic humor; collective care; youth; affective jurisprudence

Resumen

Este artículo pretende mostrar cómo el humor ácido surgió en un subgrupo de jóvenes a partir de una investigación empírica derivada de una investigación temática. En una escuela secundaria de una ciudad del interior del estado de São Paulo, un subgrupo de estudiantes principalmente LGBT+ fue poco a poco creando una decodificación de significados internalizados de sufrimiento mental, lo que les permitió tocar contenidos difíciles en la elaboración de experiencias psicosociales dolorosas. Se utilizó investigación empírica, justificada con la noción teórica deleuze-guattariana de jurisprudencia, deducida en la práctica, para la jurisprudencia afectiva dentro de la intimidad consentida entre un grupo específico de estudiantes que practicado el humor ácido. La metodología fue integrar datos empíricos de investigación temática de métodos mixtos con la elaboración teórica en el marco deleuze-guattariano. El artículo selecciona el binomio bromear y ser bromead, abordando el humor ácido como estrategia de atención colectiva dada dentro de una jurisprudencia afectiva utilizada para combatir la violencia y la LGBT+fobia. Finalmente, se concluye sobre la importancia del humor ácido como estrategia de cuidado colectivo entre los jóvenes en sus espacios habitables o en acciones programáticas y servicios dirigidos a este segmento.

Palabras clave: humor ácido; cuidado colectivo; jóvenes; jurisprudência afectiva

Introdução

O presente artigo compõe-se de partes integrantes de uma tese de doutorado na área da educação, vinculada a um projeto temático, os quais chamaremos respectivamente de “pesquisa de doutorado” e “pesquisa temática”. A pesquisa temática acompanhou um total de nove escolas públicas de ensino médio e técnico (capital, litoral e interior), investigando possibilidades e limites da prevenção integral de saúde entre jovens, por meio de métodos mistos, quantitativos e qualitativos. A pesquisa de doutorado teve seu campo realizado junto ao da pesquisa temática por um período de aproximadamente quatro anos e meio, balizando de 2019 a 2023 sua análise empírica prioritária no referencial deleuze-guattariano, com jovens de três escolas de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Em uma dessas escolas o tema do humor ácido emergiu.

Para todo o projeto temático, coordenado pela pesquisadora responsável Profa. Dra. Vera Paiva, houve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, CAAE: 00530918.9.00005561. Vale ressaltar que o período do andamento do campo de pesquisa nas escolas foi coincidente com o de uma ofensiva conservadora direcionada ao público das comunidades escolares. Na rabeira de um contexto brasileiro marcado pelo ataque aos termos “gênero”, “orientação sexual” e “sexualidade”, das políticas

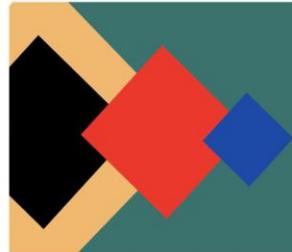
dirigidas às populações-alvo do Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014 (PNE, 2014), a precarização do ensino médio público rendeu uma sequência de atos em 2023 contra o Novo Ensino Médio.

No contexto de precarização do ensino médio público, a pesquisa temática munida do conhecimento prévio de seus pesquisadores, possibilitou que a desigualdade estrutural depositada sobre os corpos dos jovens viesse à tona. Para este artigo tal processo foi acompanhado sobretudo em uma das três escolas do interior, na qual um subgrupo de jovens detectou os impactos dos determinantes sociais na saúde mental. Assim, o humor ácido circulante no pequeno subgrupo de pesquisa constituiu-se como um acurado tradutor dos efeitos negativos dos determinantes sociais da saúde em humor.

O humor ácido apareceu na pesquisa de doutorado em um arranjo peculiar e reverteu os consensos do politicamente correto ou incorreto; da comunicação sem agressividade como valor; do ponto de vista do sentimento subjetivo como verdade; dos sintomas depressivos individualizados como pré-requisito para alguma aceitação das adversidades da vida; mas, principalmente, de igualar qualquer forma de zoeira às ações discriminatórias. A característica singular e datada de algumas expressões destes estudantes trouxe consigo o inusitado do “choque de realidade” alcançado por meio do uso consentido e recíproco do humor ácido como estratégia de cuidado coletivo entre pares, em sua maioria LGBT+ assumidos na escola, com diferentes graus de aceitação na família. As pesquisas puderam captar e direcionar para alguns temas a expressividade que já circulava entre eles.

O acompanhamento destes jovens ocorreu uma vez por semana, de modo longitudinal, via de regra presencial, com relatos dos encontros produzidos em equipe durante mais de dois anos, após o período de ensino remoto emergencial para mitigar a Covid-19. Estes estudantes foram pesquisadores de Iniciação Científica para o Ensino Médio (IC-EM), alguns dos quais com bolsas desta modalidade pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e outros voluntários.

Conforme se deram as constatações sobre as adversidades da vida, o humor ácido foi se intensificando de maneira consentida e recíproca, como uma estratégia imediata de cuidado. As maneiras próprias que estes pesquisadores do ensino médio tiveram de demonstrar a lida com a reverberação psicossocial dos temas da pesquisa



temática acenou para as ações perante seus sofrimentos. Estes aparecem dependendo de como são ou não vulnerabilizados, individual, socialmente ou de maneira programática Ayres, Paiva e França Júnior (2012).

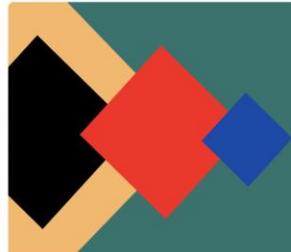
Este artigo mostra como a pesquisa de doutorado acessou o humor ácido no cotidiano escolar e de amizade íntima, por meio da noção de jurisprudência afetiva depreendida de Deleuze (2013) e ancorada no cuidado coletivo entre jovens. Este humor ácido emergiu aos poucos. De início, para falar com a equipe de pesquisa estes jovens buscavam utilizar uma linguagem mais culta. Porém, conforme houve consenso de que as práticas preventivas e de garantia de seus direitos mais importava, passaram a mostrar uma linguagem despojada, próxima da utilizada no dia a dia, com eventuais palavrões, expressões populares entre os jovens de mesmo período de vida, com gestos e imitações cênicas, além de alguns códigos internos ao pequeno grupo escolar.

A “zoeira” crescente se estabilizou, chegando às expressões juvenis em seu modo singular de humor observado no subgrupo da escola em questão. Neste subgrupo pode ser observado um dinamismo expressivo, no qual as características mais marcantes de cada pessoa ou agrupamento subjetivo, somadas às vulnerabilizações e aos privilégios de cada um, pouco a pouco se mostraram constituídos e constitutivos de uma zoeira horizontal, chamada ora de “bullying do bem”, ora de “reparação histórica”, sob o fio condutor denominado de “humor ácido”.

Em outro escopo, Barbosa (2016) mostra que a instituição escolar — física — organiza seus espaços objetivando o disciplinamento e a conformação dos alunos, caracterizada por sua aparência não raro identificada à prisão em sua forma de utilizar o tempo, o espaço e a quantidade de pessoas em seu prédio, permitindo ser identificada apenas pelo som “uma mistura de conversas, falas soltas, gritos e risadas [...] barulho que pode ser ouvido da rua a uma distância considerável [...], gritos de algum adulto solicitando ordem [...]” (Barbosa, 2016, p. 11). Quando há obrigatoriedade de presença física, ritmo e disciplina de pensamento impostos pela execução dos deveres curriculares, as risadas cumprem papel especial de contraponto.

Risos foram constantes. Estes estudantes desdobraram entre eles algumas dramatizações feitas durante encontros formativos e, com frequência, cenas vividas na escola, em família, na vida social em seus fragmentos, por meio da interação





improvisada com os amigos ou, ainda, solilóquios de suas expectativas sobre algum tema. Neste humor não há uma pretensão universalizante, um humor por humor, nem são toleradas expressões que forcem um riso constrangido, a menos que essa performance seja para desocultar intimidação.

O humor ácido foi utilizado — na amizade íntima — para sinalizar ações inadequadas ao convívio público ‘aquilo que a pessoa faz sem saber que faz’; sofrimentos ‘sem noção [de realidade]’ que só consideram o mundo ensimesmado de quem está sofrendo, identificados a ‘folgar ou causar’; a maneira como cada um é sentido pelos colegas; e, sobretudo, a constatação da dor e/ou dos riscos, pois permitiu ao mesmo tempo o alívio do desabafo e o apoio disponibilizado por essas amizades, na mobilização de algumas ações preventivas antes impensadas.

Metodologia

O recorte metodológico da pesquisa envolveu métodos mistos, quantitativos e qualitativos, com temas que subsidiaram o debate para o processo de produção dos dados empíricos da pesquisa longitudinal em cada unidade escolar. Para a pesquisa de doutorado houve a análise no referencial deleuze-guattariano do acompanhamento longitudinal em três escolas, objetivando meios para a espreita dos encontros intensivos no campo.

A pesquisa de doutorado empírica se utilizou dos dados de campo antes de preconcebê-los em teoria. Neste artigo, a justificação teórica com a noção deleuze-guattariana de jurisprudência foi depreendida na prática, para a ‘jurisprudência afetiva’, interior à intimidade consentida entre o subgrupo de jovens que praticaram o humor ácido. Os métodos mistos da pesquisa temática constaram de: 1) acompanhamento qualitativo longitudinal escolar envolvido no preparo, debate, e avaliação de um grande questionário aplicado em 2019; 2) idem, em relação a questionário aplicado em 2022; 3) pesquisa remota e qualitativa durante a eclosão da Covid-19; e 4) práticas interventivas estruturadas (oficinas de prevenção integral com orientações práticas e insumos de prevenção).

O questionário de 2019 abordou os temas da caracterização sociodemográfica, o uso de internet, a saúde sexual e reprodutiva, a discriminação e o preconceito na escola



e na internet, saúde mental, tendo sido respondido por 719 estudantes dos terceiros anos das três cidades. O questionário aplicado em 2022 conteve alternativas sobre informações pessoais, familiares e das condições de trabalho e estudos durante a pandemia de Covid-19, acesso e uso de serviços de saúde e vacinação, acesso e uso de internet, saúde sexual e reprodutiva, violência por parceiro íntimo, discriminação, e saúde mental. Foi respondido por 1242 estudantes dos terceiros anos das três cidades.

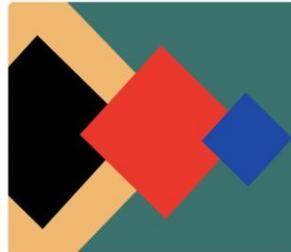
As reações de humor, tema deste artigo, emergiram inominadas no campo junto do debate dos temas da pesquisa temática no subgrupo de jovens de uma das escolas estaduais. A noção de humor ácido propriamente dita, porém, apareceu no campo extemporânea, após o exame de qualificação da pesquisa de doutorado e em torno de seis meses antes da entrega do texto final da tese, que teve um total de seis seções, além de discussão metodológica e resultados teóricos. O humor ácido enquanto objeto caracterizado na pesquisa empírica exigiu que o tema entrasse na tese.

Além do consentimento dos responsáveis e do assentimento dos IC-EM menores de idade, ambos documentados, a maioria dos IC-EM citados neste artigo esteve presencialmente na ocasião da defesa da tese de doutorado e conhece seu codinome utilizado. As pessoas que aparecem desidentificadas aqui foram do subgrupo da escola estadual que fez o tema do humor ácido emergir, à exceção de Helena, nome fictício para aluna da escola técnica.

Segue abaixo uma lista com alguns marcadores das subjetividades (do período da pesquisa), que podem facilitar a decodificação das cenas de humor. Alguns estudantes assumiram ou mudaram suas autoidentificações sobre a própria orientação sexual no decorrer da pesquisa e a maioria é proveniente de famílias evangélicas. Três estudantes negras participaram da pesquisa e saíram em seu transcorrer, a primeira para trabalhar, a segunda não tinha entregado a documentação completa e foi transferida de escola por motivos familiares, e a terceira passou a dedicar seu tempo à militância.

Noah, homem trans, gosta de ser chamado “o” Noah, é branco, magro e de baixa estatura, heterossexual, trabalhador e estudante, periférico. “A” Mel é branca, “corpo padrão”, bissexual e em um relacionamento com outra mulher, trabalhadora e estudante, mora em condomínio fechado de classe média alta. “O” Murilo é branco, alto, gay (se assumiu no decorrer da pesquisa), trabalhador e estudante, mora em bairro “de classe





média”. “A” Helena é branca, “corpo padrão”, heterossexual (de um dos subgrupos de escola técnica), trabalhadora e estudante, moradora de bairro “de classe média”. “A” Potyra é branca, magérrima, bissexual, mora em bairro “de classe média”. “A” Louise é branca, “corpo padrão”, panssexual, moradora de bairro “de classe média”. “O/A” Pedro, embora tenha chegado a se autoidentificar ‘pessoa não-binária’, disse que se lhe chamassem de menino ou menina se sentiria acolhido. É pardo, magro e atlético, com cabelos médios e cacheados, gay (se dizia bisexual no início da pesquisa), trabalhador e estudante, periférico. Bella é branca, “corpo padrão”, alta, bisexual, trabalhadora e estudante, de bairro “de classe média”. Outras pessoas que agregaram para propiciar o clima de humor ácido durante a pesquisa de doutorado não foram citadas nominalmente neste artigo.

Muitos assuntos rápidos! Zoar e ser zoados. Amenizar a dor.

O subgrupo de jovens que respondia suas questões por meio do humor ácido costumava falar sobre muitos assuntos, e muito rápido, — muito rápido mesmo! — o que dificultava o registro por um lado, mas por outro, essa profusão de expressões propiciava a captação de uma série das questões comuns ao período de vida. Alguns assuntos paralelos, em geral do mesmo tema e foco, se perderiam se houvesse gravação, pois estariam com as vozes sobrepostas, assim como expressões corporais e sonoras deixariam de ser captadas.

Uma estudante de Pedagogia da UFSCar-So havia começado a sua iniciação científica no projeto temático local, tendo passado a frequentar toda semana essa miniequipe escolar. Ela chegou na sala e em posse de seu notebook em cima da mesa de onde nos encontrávamos (antiga sala dos professores, que passou a se chamar Sala de Reuniões), registrava com atenção o ocorrido a cada encontro e depois complementávamos, se necessário. Assim que ela entrou no subgrupo, se apresentou e passou pelo rito da zoeira iniciática. Disse Noah “você vai ficar escrevendo tudo o que a gente fala?”, disse a pesquisadora da IC de graduação “vou tentar!”, então Noah fez a tréplica “coitada!”, risos gerais ecoaram da sala.

Longe de estar desafiando a IC de graduação no vazio, tinha um porquê. Noah pedia a confirmação democrática ao subgrupo e, ao mesmo tempo, mostrava para ela

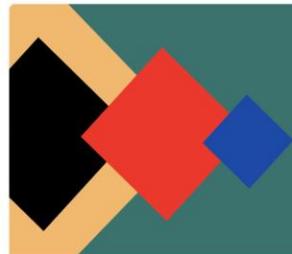
mesma, que tinha sido aceita e seria bem quista no subgrupo. Mas ela teria que lidar com aquela fatalidade: as expressões eram muitas e muito rápidas! De dentro de uma fronteira interior a um respeito que não se pauta por hierarquias transcendentais, mas se constrói nos encontros e respeita o limite anunciado pelo outro, poderíamos zoar e ser zoados. Isso coincidiu com o processo de reconceitualização da pesquisa de doutorado. A interpelação amigável de Noah exemplifica o motivo da reconceitualização (Amorim & Scott, 2018) ser parte do processo de pesquisa qualitativa.

Junto e em meio aos gracejos e risos, o humor ácido apareceu de modo intrínseco à lida com cada uma das vulnerabilidades que afetaram os jovens da iniciação científica do ensino médio, nos momentos em que foram reconhecidas por seus integrantes: “a gente faz para amenizar a dor” (Mel, Diário de Campo, 28/03/2023). As expressões bem-humoradas reverberaram entre os jovens servindo de reconhecimento e apoio. Apoio este, em um cuidado diretamente associado à confirmação pelo grupo, do quanto seu sofrimento por características pessoais vulnerabilizadas não é desmedido.

A aceleração das expressões juvenis teve o ônus de dificultar seu registro, mas a manutenção do clima de intimidade compôs com essas velocidades e permitiu captar e produzir dados qualitativos interessantes. O temor de desagradar aos pais e ter conflitos com eles foi falado por vários jovens das três escolas locais. Como não ter conflitos com pais que não aceitam a existência, tal como há, dos próprios filhos que têm? Em uma cena (Paiva, 2012; Deleuze, 2006) sobre o consentimento dos pais para os IC-EM participarem da pesquisa foram interpretadas duas famílias, conforme o Diário de Campo (12/11/2021), uma liberal nos costumes e outra conservadora.

Os pais da família ‘liberal’ quiseram saber o teor da pesquisa a qual o seu filho viria a participar. A mãe perguntou para o filho “é isso que você quer, vai te fazer feliz?”, o filho disse “sim”, a mãe disse “então está bom!” e o pai concordou. (Diário de Campo, 12/11/2021). A cena se deu de modo breve, sem tensões.

Os pais “conservadores” foram encenados com um pai o assistindo ao futebol, comendo amendoins e tomando cerveja, gritando “vai curintia”, “vai mengão”, enquanto a mãe da cena, ao ser questionada sobre a possibilidade de participação do filho, só pelo fato de ler o nome da universidade já usou vários preconceitos para negar o acesso à pesquisa: “USP é coisa de maconheiro! Vai fazer [Nome da Universidade



Privada], Engenharia!”. Estes pais não pararam por aí: e “isso aqui é da aula de quê? Sociologia? Sociologia é coisa de comunista!”. O que achavam ser o comunismo foi atacado, desinformações foram elucubradas, e o pai fez questão de ter sua a última palavra (Diário de Campo, 12/11/2021).

O filho interpretado por Murilo, ciente da impossibilidade de estabelecer uma conversa, disse: “vai pai, lê só daqui pra baixo” (Diário de Campo, 12/11/2021), pois sabia da impaciência desse pai para ler e interpretar textos, aceitar qualquer visão de mundo que não fosse a sua, da predileção por *fake news*. Esse pai não iria mudar e muito menos aceitar as produções desejantes mais genuínas de Murilo, que incluíram fazer a iniciação científica no ensino médio, com temas demonizados por seu pai.

Humor ácido enquanto estratégia de cuidado coletivo

Junto com o humor ácido, o cuidado coletivo emergiu entre os pares do mesmo subgrupo. Funcionou como o reconhecimento das variadas camadas de vulnerabilidades e exposição às violências, conforme havia articulação imediata aos possíveis agravos à saúde mental do jovem em questão. Estar vulnerável às violências apareceu neste subgrupo de modo indissociável dos agravos à saúde mental.

Ao tratar da saúde mental de meninas LGBT+ um pesquisador apresentou dados sobre pesquisa que mostrava haver maior sofrimento nas meninas. Mel disse: “Vocês não sofrem! Eu sofro!” (Mel, Diário de Campo, 21/03/2023), dirigindo-se aos LGBT+ que não são mulheres. Em seguida seu amigo Pedro fez um rápido cruzamento das colunas do gráfico, para as variáveis estatísticas de gênero designado ao nascimento, orientação sexual, saúde mental, e disse: “amiga, você é a mais ferrada!” (Pedro, Diário de Campo, 21/03/2023). Dados os agravos à saúde mental deste contexto, Mel passara por um período em que sentia muitas cobranças externas, que iam desde a negação familiar de sua orientação sexual, tempo despendido com estudo e trabalho, além de comparações corporais na família e por grupos de meninos que promoviam enunciados objetificadores na sua escola e nas redes sociais.

Em uma conversa sobre métodos contraceptivos, Bella se questionava se deveria tomar injeção hormonal, porque havia se esquecido de tomar a pílula algumas vezes. Mel disse “implante (hormonal), olha este braço (aponta para o braço), está roxo até



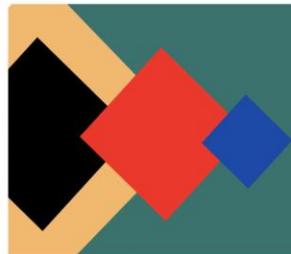
hoje, não recomendo!” (Mel, Diário de Campo, 23/05/2023), sugerindo que o uso de contraceptivos hormonais poderia aumentar a submissão e a possibilidade de ser agredida no relacionamento. A conversa foi sobre os prós e contras de alguns dos métodos contraceptivos mais utilizados.

Bella contou ter ficado com uma menina antes do namorado atual. Os comentários que se seguiram foram (Diário de Campo, 13/06/2023): “Vitória?! Tanta menina pra ficar foi escolher justo a pior” (Noah), “por isso que é hétero” (Mel), “Vitória é ‘a cura gay’ de tão chata” (Pedro). Fizeram comentários sobre situações em que a Vitória foi chata e Bella não tinha se dado conta - era essa a menina que ela não gostou. Não foi novidade o “acho que posso sim ser bi” (Bella, Diário de Campo, 13/06/2023). Apesar da fama de ser hétero da Bella por ela namorar um menino, ela tinha se assinalado bissexual em um formulário sobre a caracterização dos IC-EM.

Segundo consenso deste subgrupo, Vitória tinha um histórico de vitimismo e banalização de mentiras (que poderiam configurar calúnias e difamações) para se ‘vangloriar’, colocando a opinião de terceiros a seu favor. Sua saúde mental havia sido objeto de preocupações dos IC-EM, pois tinham chegado a ação de tutores e professores para acolher e colocar limites na menina. Neste subgrupo, assumir a própria integração com a comunidade LGBT+ permitiu que IC-EM se distanciassem da compulsoriedade de alguns dos ritos da competitividade heterossexual.

Em uma conversa sobre dependência emocional no namoro Bella, na ocasião suposta heterossexual, comentou “mas meu namorado não vai terminar comigo” (Bella, Diário de Campo, 25/04/2023), todos IC-EM riram. Bella concordou sobre a manutenção das amizades ser importante além de namorar e falou que seu namorado a apoia nas suas situações de culpa “mesmo que a culpa seja do outro” (Bella, Diário de Campo, 25/04/2023). Quando tem alguma dificuldade em família ou no trabalho, Bella também pode contar com suas amigas. Os IC-EM colocaram em questão a divisão de cuidado emocional entre os gêneros, para os héteros consideraram pesar mais para as meninas, mas “na nossa bolha [LGBT+]” consideraram os meninos disponíveis.

Esses jovens contaram sobre algumas perguntas feitas para se acolherem quando notam alguma alteração nos amigos: “comeu? dormiu? como está com os pais?” (Mel, Diário de Campo, 25/04/2023) são as mais aceitas e usadas. Além disso, não suportavam

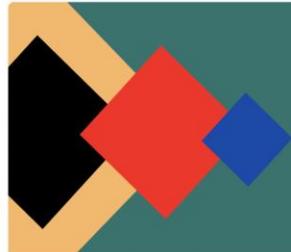


perguntas do tipo ‘o que você tem?’, ‘você tá quieto?’, ‘porque tá assim?’, ficavam incomodados. Repetiam que tudo depende da intimidade com a pessoa, pois os amigos sabem quando parar de perguntar. O cuidado coletivo que vem do humor ácido está diretamente ligado à confirmação do quanto seu sofrimento por características pessoais vulnerabilizadas não é desmedido.

Noah havia tentado denunciar a violência contra uma mulher da sua vizinhança para a polícia, mas foi desacreditado por quem lhe atendeu devido à localidade periférica de sua moradia. Na continuidade da conversa sobre sofrer discriminação pelo local de moradia Pedro apontou para si mesmo e disse o nome do bairro periférico onde mora, apontou para Noah e disse outro nome de bairro periférico, na sequência, com o terceiro apontamento, dirigido para a Mel, disse: “Condomínio! sai daqui! Tem cinco banheiros na sua casa!” (Pedro) e pudemos ouvir um sonoro “eu posso abrigar vocês!” (Mel), (Compilado do Diário de Campo, 28/03/2023). O tema havia sido a desigualdade de acesso à habitação segura.

Todavia não haveria clima, nem intimidade para outras pessoas falarem assim com qualquer um deles (Diário de Campo, 28/03/2023): “a gente zoa fazendo preconceito, mas os outros não podem” (Pedro), “não sai da rodinha”, “é nosso grupo, é nossa intimidade” (Mel), “se faz piada não binária eu digo ‘homofobia ao vivo’” (Pedro), ainda que seja com a ‘cota hétero’ do grupo e/ou com uma pessoa que disse não saber sua orientação sexual. “Você é bi, tá em cima do muro, você tá com mulher, então é lésbica” (Mel), “piada com trans eu faço [entre amigos], se rir eu chamo de transfóbico” (Pedro), “a gente pode, a pessoa não” (Mel), “[...] quando eu falo para o Noah [homem trans] ‘se você viver até os trinta’, é porque a gente aqui é amigo” (Pedro), “quanto mais intimidade, menos cumprimento” (Noah). Este humor ácido que funciona no cuidado coletivo entre jovens LGBT+ parte de consentimento com códigos internos. Conforme mostra o pequeno trecho do Diário de campo abaixo:

Um pesquisador contou que michês frequentavam uma ONG para usar o chuveirinho, para fazer “a chuca”, e voltar a fazer programa. Sabendo da religião de um dono dessa ONG Pedro disse “chuca cristã”, os risos foram gerais, estilo ‘crise de riso’ de chorar, ficar vermelho, se abanar, etc, [...] com os comentários sobre chuca, chuveirinho e o conteúdo tácito de introdução anal de quaisquer sei lá o quês, o pesquisador comentou sobre a dificuldade de haver mulher urologista [...] e do exame que, depois de uma idade,



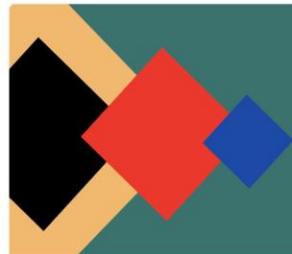
todo homem tem que fazer. Virou zoeira com os tamanhos das mãos, começaram a medir entre eles e foram medindo e conversando, Pedro e Mel zoaram Noah porque ele tem as mãos pequenas [que seriam boas para isso], mas Pedro também disse para Noah, “isso se você chegar até lá [a idade para fazer exame de próstata]” e Noah [homem trans] disse “segundo a minha [estatística de] expectativa de vida...” e fez “não” com a cabeça (Compilado do Diário de Campo, 21/03/2023).

São muitos os conteúdos tácitos, implícitos, neste pequeno trecho do Diário de Campo, que, no encontro presencial, levou em torno de 15 minutos, incluída a crise de risos. Todos os conteúdos têm a ver com prazeres, moralidades, mas também com fatalidades, doenças e violências. A presença dos pesquisadores com idades em torno de 50, 40, e 20 e poucos anos foi construída com o subgrupo. Prostituição, chuca, chuveirinho, o riso da moral desmentida, a variabilidade dos tamanhos das mãos-corpos, o exame para detectar câncer de próstata e a menção a alta estatística de assassinatos de pessoas trans no país, dizem além do estado de coisas quantificáveis, mostram valores impregnados na cultura e confrontados em ato, considerando que o jovem Noah seria a figura que ali sintetizaria o desfecho trágico, ao qual essa moral - em pânico moral (Carrara, 2015; Junqueira, 2018) - remete seus conteúdos.

Humor ácido e Jurisprudência afetiva

Para o contorno do cuidado coletivo entre jovens LGBT+ do ensino médio utilizamos a noção de jurisprudência afetiva, derivada aqui da concepção de “jurisprudência”, conforme a entrevista “Controle e Devir”, concedida por Gilles Deleuze a Toni Negri em 1990 (2013, p. 213). Nela, Deleuze é convocado a falar sobre ‘a política’ ao seu modo, na relação sempre problemática entre movimento e instituições.

Em sua resposta Deleuze (2013) conta que, de início, se interessava mais pelo direito do que pela política, dizendo isso para explicar o funcionamento, de um lado, da contratualidade e seus limites e, de outro — nem sempre complementar — do movimento que se dá nas instituições e se distingue tanto das leis quanto dos contratos, tendo a ver com “problemas precisos” (Deleuze, 2013, p. 213), ou seja, com os acontecimentos que tal instituição possibilita.



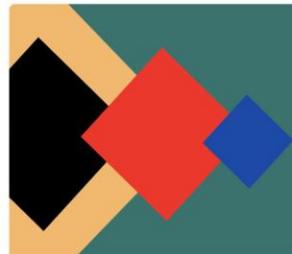
Analisando os valores constitutivos do direito, das leis, dos contratos, das instituições, mas antes, das criações coletivas e seus movimentos, Deleuze (2013, p. 213-214) mostra o quanto “é a jurisprudência que é verdadeiramente criadora de direito...” (Deleuze, 2013, p. 213), a jurisprudência não tem a ver com uma moralidade pseudocompetente, mas com um “grupo de usuários” (Deleuze, 2013, p. 214).

O grupo de usuários, nas suas criações, faz as passagens do direito à política, do que lhes é de direito às ações coletivas que fazem rever o direito, indo em direção à política na acepção mais imediata e direta do termo, exercida nestas passagens. Esse processo tem a ver com a elaboração local do direito interior a um próprio grupo. Não aciona necessariamente um agenciamento jurídico, mas pode fazê-lo. No grupo de usuários independente da busca pelos serviços já há a política.

Jurisprudência afetiva no combate à violência

De modo concreto e voltado aos serviços essa política se deu quando os IC-EM solicitaram conhecer a Lei Joanna Maranhão (Lei 12.650, 2012), “para passar para uma pessoa que precisa” (Noah, Diário de Campo, 16/05/2023), no intuito de “buscar justiça” (Mel, Diário de Campo, 16/05/2023) para denunciar um agente de exploração sexual infantil, a partir da possibilidade da ida entre amigos aos serviços públicos. Com o apoio nas amizades as situações de sofrimento psicossocial (Paiva & Garcia, 2022) são reconhecidas, e a saúde mental que dizem “não temos”, ou “aquela” de “aquela que não temos” (Diário de Campo, 16/05/2023), sai da esfera clínica e individualizante e se dirige à cobrança de ações programáticas.

Se falam sobre o agressor e o que fazer com ele, “devém animais”, “viram bichos”, parafraseando Deleuze e Guattari (1997). Suas falas contra o agressor são espontâneas e variadas. Vão das mais diretas fisicamente às que levam o contexto econômico decorrente da mudança de governo federal. “Como faz o agressor parar?” (Pesquisadora, Diário de Campo, 16/05/2023). “Matando!” (Noah, Diário de Campo, 16/05/2023). “Coloca fogo, aproveita que agora a gasolina tá mais barata” (Pedro, Diário de Campo, 16/05/2023). “Estava mais fácil arrumar arma com aquele lá [ex-presidente], agora o acesso à bala fica mais barato no governo [federal de 2023], dá para matar vários” (Mel, Diário de Campo, 16/05/2023). “Põe no ácido!” (Mel, Diário de



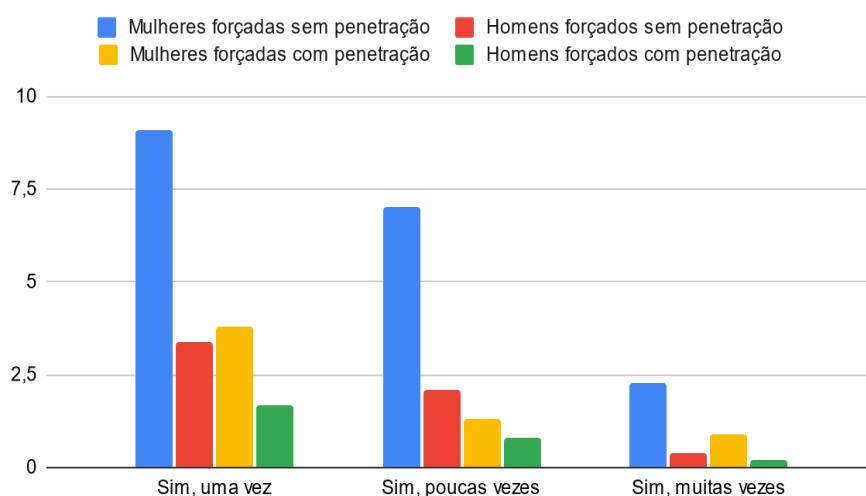
Campo, 16/05/2023), “não é todo ácido que derrete os corpos”, “joga para os porcos!” (Pedro, Diário de Campo, 16/05/2023).

Depois que esgotaram os rubores, calores e tremores vindos com as alternativas imaginadas sobre os assassinatos para os agressores, enfim puderam recobrar o plano, não mais de “matar o agressor”, mas de iniciar a busca por informações e o compartilhamento delas. “A gente nunca sai juntos, vamos fazer esse rolê, vamos para a Defensoria, depois para a Delegacia, depois vamos para o [nome do lugar] beber” (Mel, Diário de Campo, 23/05/2023). O lugar que eles iriam comemorar a suposta ida aos serviços é conhecido por ser vigiado pela guarda civil, com estabelecimentos que vendem bebidas alcoólicas, onde há acesso às substâncias ilícitas, pegação, e em que alguns “posers” imitam adultos fumando.

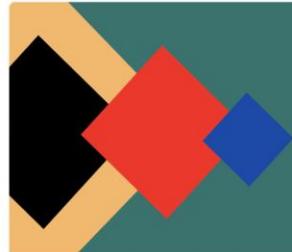
No debate da formulação das questões do segundo questionário, a partir de sugestões de pesquisadores de IC-EM, houve a reformulação das sugestões sobre ter sofrido contato sexual forçado “sem” e/ou “com” penetração, o Gráfico 1, abaixo, permite uma rápida visualização:

Gráfico 1: “Contato sexual forçado sem penetração e com penetração”

Alguma vez já foi forçado/a a ter contato sexual quando você não queria?%



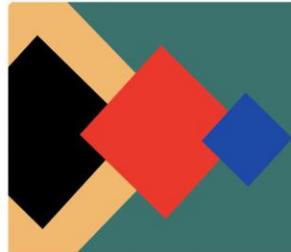
Fonte: Elaborado pelos autores.



Com esses dados é nítido que a violência sexual é alarmante. Os dados para pessoas forçadas a ter contato sexual sem penetração ou a manter relações sexuais com penetração foram preocupantes. Em uma suposta sala com 30 pessoas, seis pessoas já passaram por alguma dessas violências, ou seja 20%, ou uma a cada seis, a maioria do gênero feminino. Na pesquisa houve um relato com forte indício de violência sexual intrafamiliar e foi disponibilizada a informação sobre possibilidades de orientação ou suporte policial, jurídico e clínico. Nas semanas subsequentes ao relato incipiente de violência, a pessoa em questão foi encaminhada para atendimento em saúde mental com um trabalhador da psicologia clínica que tem experiência em questões de gênero.

Entrar em contato com as experiências dolorosas encontrou lugar no humor. Entretanto não há alarde na jurisprudência do humor ácido, quando estes amigos falam entre risos sobre “tocar violino no braço” (Mel, Diário de Campo, 16/05/2023), ou “pega o celular para ver o código de barras (do punho)” (Noah, Diário de Campo, 28/03/2023) — em alusão às automutilações nos punhos — ou ainda “se mata não, passa em casa (sensualizando de leve)” (Mel, Diário de Campo, 16/05/2023) etc, insinuando que iria que rolar pegação. Antes de expressar automutilação concreta, a imagem das palavras mostra alguma experiência difícil de lidar e seu ‘desabafo’. O vislumbre da ideação suicida aludida se esvai na medida em que encontra expressão e reconhecimento entre os pares, inclusive dos motivos pelos quais valeria a pena viver.

Em geral esta estratégia de cuidado coletivo entre estes próprios estudantes ocorre pela quantidade de tempo que passam juntos na escola “eu vejo mais a Mel que a minha mãe” (Pedro, Diário de Campo, 25/04/2023), mas, também, quando há algum tema interdito em família e que só pode ser acessado pelos amigos mais confiáveis “meus pais nem sonham” (Respondente 1, Aplicação do questionário, 09/06/2022). Vale observar que, no questionário de 2022 feito com 1212 estudantes dos terceiros anos de 8 escolas públicas do Estado de São Paulo pela pesquisa temática, “amigos” ocuparam a segunda posição sobre a quem os estudantes mais recorrem para buscar ajuda para um agravo psicossocial à saúde mental, ficando atrás apenas de psicólogos. A busca pelos amigos, que são os pares de confiança para recorrer a algum contorno genuíno de cuidado coletivo foi observada nas 8 escolas pesquisadas.



Lgbt+fobia

As dificuldades da lida dos jovens quando possuem valores divergentes dos de seus familiares, ainda que o relacionamento com a família seja bom, trouxe frequentes tensões. Essas tensões mostraram-se com facilidade quando os estudantes colocaram a heterossexualidade em questão. A fala de Helena, da escola técnica, ilustrou isso:

[...] meus pais são bem conservadores, meu pai é mais. Ele estava fazendo um comentário homofóbico e eu discordei, e ele ficou muito bravo, não falou mais comigo durante um tempo, e achou que eu era lésbica. Ele ficou muito bravo. Aqui em casa não se comenta sobre isso (Helena, Diário de Campo, 07/06/2021).

Já a fala de Potyra, da escola do subgrupo do humor ácido, deu um zoom no que a reação do pai de Helena anunciava. Potyra disse ter contado para os seus pais ser bissexual e eles reagiram mal: “eles falaram que é culpa do Estado, culpa do PT!”, “minha mãe ficou três meses sem falar comigo”, “como assim, eu estudava em escola particular e a culpa é do Estado!?” (Potyra, Diário de Campo, 29/10/2021). A reação dos pais dessa aluna, bissexual, mostrou em parte a que se deve o temor de escolas afinadas com os direitos humanos. Para pais ditos mais conservadores há uma ilusão de que esses valores blindariam seus filhos contra desvios da heterossexualidade. Louise, pansexual, apontou a LGBT+fobia intrafamiliar: “pegou mais para a comunidade LGBT na pandemia, a pressão de ter que ser ‘hétero’ dentro de casa” (Louise, Diário de Campo, 11/03/2022).

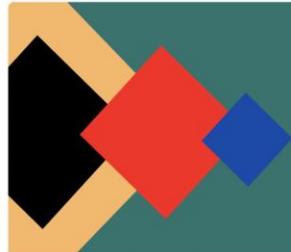
Os relatos de assédio e bullying foram frequentes para os LGBT+ (Paiva et al., 2021; Paiva & Garcia, 2022). No primeiro questionário aplicado em 2019, em torno de 55% das alunas e 20 % dos alunos afirmaram não ter atração exclusivamente heterossexual. Para a variável indicativa de orientação sexual no segundo questionário, as porcentagens de atração não-heterossexual foram em torno de 45% para as estudantes e 20 % para os estudantes respondentes. Os IC-EM disseram sobre o conflito entre, por quem se sentem atraídos, e o que é esperado na família. Se sentiram representados com os dados. Vide a Tabela 1. *“Atração por gênero — questionários de 2019 e 2022”* abaixo:

Tabela 1: Atração por gênero — questionários de 2019 e 2022

Atração	Gênero Ano			
	Mulheres 2019	Homens 2019	Mulheres 2022	Homens 2022
Somente por mulheres	2,5%	78,9%	2,2%	78,1%
Somente por homens	46,2%	4,4%	48,3%	4,3%
Principalmente por homens, mas também por mulheres	27,5%	3,8%	24%	4,4%
Igualmente por homens e mulheres	14%	1,6%	12,9%	3,3%
Principalmente por mulheres, mas também por homens	5,6%	7,3%	7%	7,4%
Nunca me senti atraído/a por ninguém	3,1%	3,5%	2,8%	0,9%
Outra resposta	1%	0,6%	N/A	N/A
Prefiro não responder	N/A	N/A	2,7%	1,3%

Fonte: Elaborado pelos autores

Uma crítica aguda da heterossexualidade compulsória, que dita a obrigação da heterossexualidade como norma, foi tecida por Rich (2010), nos anos 80. Rich (2010) mostra a institucionalização política da heterossexualidade que, compulsória, faz a vida mental e o desejo, em especial das mulheres, reduzir-se ao esperado de uma propriedade dos homens, seja por ameaças de consequências drásticas ou atos de coerção. Não por acaso, a heterossexualidade, se compulsória, está perto da misoginia. Deleuze (2016) esconjurou a misoginia ao propor que o homem misógino, além de não suportar a mulher que existe em si mesmo, não suporta entrar em contato com a sua própria bissexualidade (ainda que virtual e/ou vislumbrada em desejo).



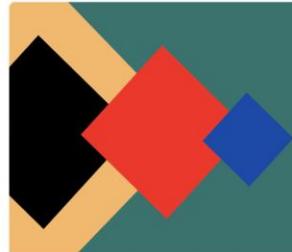
Em ações transfóbicas a misoginia pode ser detectada com facilidade, mesmo que mostrada em sua faceta mais próxima do assédio moral. Noah, um pesquisador da iniciação científica do ensino médio autoidentificado homem trans, magro e de baixa estatura, contou ter sofrido poucas vezes por ser trans. Uma situação dessas, que mistura misoginia com transfobia, se deu quando ele foi abordado no shopping por um homem supostamente adulto. Noah falou que ficou com medo, pois o homem era muito maior que ele. Esse homem chegou na mesa do shopping onde Noah estava com uns amigos e começou a questionar insistentemente se ele era menina ou menino. Noah respondeu que era menino e o homem continuou a interpelar "sua voz é muito fina" (Noah, Diário de Campo, 09/05/2023). Noah disse que saiu andando, foi embora com medo, e deixou o homem para trás. Para a sua segurança, Noah precisou sair andando. Parte da incógnita fica por conta de um homem se autorizar a fazer tal pergunta de modo tão inconveniente e insistente⁴.

Considerações finais

O humor ácido teve destacada importância para fazer a expressividade circular nas amizades, entre os jovens do subgrupo da IC-EM desta escola em específico. A convivência possibilitou que as questões pouco pensadas para uns, pudessem ser compartilhadas e melhor elaboradas em conjunto com outros. Tratar das vulnerabilidades individuais exteriores ao demérito, sobretudo em relação às variadas formas de LGBT+fobia, pode colocar o humor em direção ao que o subgrupo chamou de “reparação histórica”.

O compartilhamento das experiências promoveu a elaboração de conteúdos às vezes pouco acessados quando há o significado interiorizado nessas experiências próprias. A aceleração das dramatizações entre os jovens em fragmentos dramáticos que emergiram no decorrer da pesquisa de campo pode desocultar sofrimentos “sem noção”, ensimesmados, e ao mesmo tempo trazer para o convívio o reconhecimento dos sofrimentos psicossociais no grupo, com apoio amistoso por aqueles com quem convivem por mais tempo na escola do que em suas famílias.

⁴ Quando há dúvida sobre como se dirigir ao gênero da pessoa é só perguntar para a pessoa “como eu te chamo?”, o que evidentemente não foi o caso acima.



Este uso do humor ácido, chamado no subgrupo de jovens inclusive de “bullying do bem”, validou a dor decorrente de vulnerabilidades então reconhecidas e propiciou a acessarem o quanto estão amortecidos em situações dolorosas que possuem condições de enfrentar, mas não o fazem por apego identitário, ou por delegarem o que podem fazer a terceiros. O humor ácido apareceu como forma coletiva de cuidado à saúde mental, acelerando a elaboração de experiências difíceis, então remetidas ao riso, sem pesar, sem forçar.

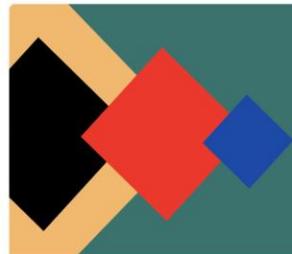
É evidente que tratar e prevenir as variadas formas de violência de maneira sedimentada no humor foi uma experiência ímpar, única, que emergiu da convivência, sem um objetivo finalista precedente. A partir do tema da saúde mental tornou-se propício tocar no humor ácido. Essa saúde mental não apareceu codificada em sinais e sintomas de cunho patológico e individualizante, que embora houvessem, ocuparam figuração ao fundo dos acontecimentos.

O humor ácido foi uma produção interessantíssima de campo nos limiares de sua jurisprudência afetiva. Por meio do humor ácido como estratégia localizada, o cuidado coletivo pode ser acionado e estabilizado em uma comicidade que desmontou a defensiva de evitar a dor, direcionando os modos dos jovens se afetarem para o contato com ela. Ao integrar a dor às constatações do sofrimento, e então diante da posse dos entraves, riscos e dificuldades, estes jovens puderam antever algumas situações para as quais encontraram, em tempo, alguns posicionamentos menos danosos para as suas vidas, em seus espaços de convivência ou em ações programáticas e serviços voltados a este segmento.

Referências

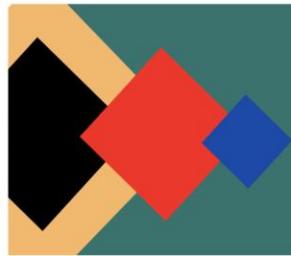
- Amorim, A. C. R., & Scott, D. (2018). *Learning And The Rhizome: Reconceptualisation in the Qualitative Research Process*. Magis, 11(22), 125-136. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.m11-22.lrrq>
- Ayres, J. R., Paiva, V., & França Júnior, I (2012). *Conceitos e práticas de prevenção: da história natural da doença ao quadro da vulnerabilidade e direitos humanos*. In Paiva, V. Ayres, J. R., & Buchalla, I. C. M. (Org.). *Direitos Humanos e Vulnerabilidade na Prevenção e Promoção da Saúde* (165-207). Juruá.
- Barbosa, A. P. (2016). “*A Maior Zoeira*” na Escola: Experiências juvenis na periferia de São Paulo. Editora Unifesp.





- Carrara, S. (2015). *Moralidades, Racionalidades e Políticas Sexuais no Brasil Contemporâneo*. Mana, 21 (2), 323-345. <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p323>
- Deleuze, G. (2006). O método de dramatização. In Lapoujade, D. (Org.). *A ilha deserta e outros textos: Textos e entrevistas (1953-1974)*. Iluminuras. 129-154.
- Deleuze, G. (2013). Controle e devir. In Deleuze, G. *Conversações* (3a ed.). Editora 34. 213-222.
- Deleuze, G. (2016). Sobre o misógino. In Lapoujade, D. (Org.). *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. Editora 34. 75-79.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). Devir intenso, devir animal, devir imperceptível. In Deleuze, G., & Guattari, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 4). Editora 34. 47-88.
- Junqueira, R. D. (2018). *A Invenção da "Ideologia de Gênero"*: A emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. Rev. psicol. polít., 18 (43), 449-502. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso
- Lei n. 12.650, de 17 de maio de 2012 (2012). Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Altera o Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, com a finalidade de modificar as regras relativas à prescrição dos crimes praticados contra crianças e adolescentes. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12650.htm
- Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014 (2014). Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm
- Paiva, V. (2012). *Cenas da vida cotidiana*: Metodologia para compreender e reduzir a vulnerabilidade na perspectiva dos direitos humanos. In Paiva, V., Ayres, J. R., & Buchalla, I. C. M. (Orgs.). *Direitos Humanos e Vulnerabilidade na Prevenção e Promoção da Saúde*. Juruá. 165-207.
- Paiva, V., Garcia, M. R. V., França Júnior, I., Da Silva, C. G., Galeão-Silva, L.G., Simões, J. A., & Ayres, J. R. (2021). *Youth and the COVID-19 Crisis: Aiming at human-rights based responses in Brazil*, Global Public Health, London, 16 (8-9). 1457-1467.
- Paiva, V. S. F., & Garcia, M. R. V. (2022). *Sofrimento Psicossocial e Sexualidade em Tempos de Covid-19 e de Ataque aos Direitos Humanos*. Estudos & Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, 22 (4), 1329-1350. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.71641>
- Rich, A. (2010). *A Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica*. Bagoas, 4 (5), 17-44. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>





R | E

ISSN 2179-8427

Revista Imagens da Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Estadual de Maringá



Recebido: 27/12/2024

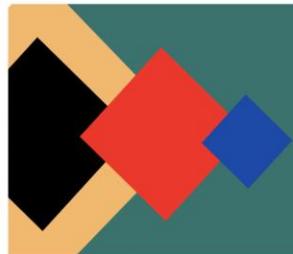
Aceito: 02/06/2025

Publicado: 22/12/2025

42

Revista Imagens da Educação, v. 15, n. 4, p. 22-43, out./dez. 2025. ISSN 2179-8427
<https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v15i4.74795>





R | E

ISSN 2179-8427

Revista Imagens da Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Estadual de Maringá



NOTA:

Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.

